

# REPRESENTAÇÕES DE MARIA AUGUSTA EM *AS TRÊS MARIAS*, DE RACHEL DE QUEIROZ: UMA PROPOSTA DE ANÁLISE

REPRESENTATIONS OF MARIA AUGUSTA IN *AS TRÊS MARIAS*, BY RACHEL DE QUEIROZ: A PROPOSAL FOR ANALYSIS

Leia Rodrigues da Silva<sup>1</sup>

Antonio Edson Alves da Silva<sup>2</sup>

**RESUMO:** O presente artigo busca fazer a análise literária através do percurso narrativo da protagonista Maria Augusta na obra *As três Marias*, de Rachel de Queiroz (2005[1939]), com o objetivo de compreender o que poderia ocorrer com as mulheres da primeira metade do século XX que não atendessem aos ideais da sociedade da época que era imposto para com elas. Tendo isso em vista, utilizaremos como *corpus* fragmentos da própria obra *As três Marias* para assim traçarmos esse percurso sobre a vida da mulher naquela época. Nesta perspectiva nos embasaremos na teoria literária de Candido (2011) no que se refere à representação do personagem da ficção para analisarmos a protagonista do *corpus* da nossa pesquisa, bem como fazer uma comparação da personagem Guta com a imagem prototípica da mulher ideal para aquela primeira metade do século. Nossa metodologia baseia-se na perspectiva bibliográfica, de caráter qualitativo. Portanto, conseguiremos chegar as discussões sobre a inferioridade da figura feminina na época, tendo em vista sua luta por emancipação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Maria Augusta; *As Três Marias*; Imagem Prototípica; Mulher

**ABSTRACT:** This article seeks to make the literary analysis through the narrative trajectory of the protagonist Maria Augusta in *As Tres Marias*, by Rachel de Queiroz (2005 [1939]), in order to understand what could happen to the women of the first half of the century XX that did not attend to the ideals of the society of the time that was imposed towards them. With this in view, we will use as corpus fragments of the work *As Três Marias* to trace this course about the life of women at that time. In this perspective we will be based on the literary theory of Candido (2011) regarding the representation of the character of the fiction to analyze the protagonist of the corpus of our research, as well as make a comparison of the character Guta with the prototype image of the ideal woman for that first half of the century. Our methodology is based on a qualitative bibliographical perspective. Therefore, we will arrive at the discussions about the inferiority of the female figure at the time, in view of her struggle for emancipation.

**KEYWORDS:** Maria Augusta; *As Três Marias*; Prototypic image; Woman

---

<sup>1</sup>Graduanda em Letras no Instituto Federal do Ceará - Brasil. E-mail: [leinhablackct@gmail.com](mailto:leinhablackct@gmail.com).

<sup>2</sup> Mestrando em Linguística Aplicada na Universidade Estadual do Ceará - Brasil. E-mail: [edson.crat@gmail.com](mailto:edson.crat@gmail.com).

## 1. Introdução

O romance *As três Marias*, da autora cearense Raquel de Queiroz, teve sua primeira edição publicada no ano de 1939, pela editora carioca José Olympio. O romance narra a trajetória de Maria Augusta, Maria José e Maria da Glória, três meninas que se conheceram no colégio interno religioso em que estudavam e que, sem esforço, cultivaram um laço de amizade que durou até o final da história.

Apesar das meninas terem recebido a mesma educação no colégio, suas vidas tornaram-se radicalmente diferentes da vida umas das outras quando chegaram à idade adulta, pois apesar de terem sido criadas para “representarem, à medida do possível, imagens humanas quase perfeitas da virgem Maria”, sejam como futuras mulheres do lar ou como mulheres que entrariam em um permanente celibato, caso não optassem pelo casamento, elas não seguiram, a princípio esse ideal.

Podemos informar inicialmente que os infortúnios que ocorreram na vida de Maria Augusta (a Guta) durante toda a história em contraste com a forma como se seguiu a vida das outras duas Marias tornou-se o foco de nossa análise para esse trabalho, por acreditarmos que a autora fez através desse curso da história uma representação do fracasso que a mulher da primeira metade do século XX poderia estar sujeita, devido ao fato de a sociedade da época ainda ser resistente à mulher que não aceitava limitar-se à religião ou ao casamento sem um sentimento profundo pelo parceiro.

Tendo isso em vista, o objetivo geral da análise é compreender através do percurso de Maria Augusta a partir da vida adulta na história, o que tendia a ocorrer às mulheres da primeira metade daquele século que não atendessem aos ideais da sociedade, bem como nossos objetivos específicos são: obtermos o entendimento de como deveriam ser – aos moldes da sociedade da época – as mulheres da primeira metade do século XX; analisarmos como os diferentes primeiros momentos da vida adulta das três Marias representam o ideal e o não ideal para as mulheres da primeira metade daquele século e, por fim, compreendermos através do final de Guta na história como as mulheres da época não tinham muitas oportunidades de encontrar a liberdade e a felicidade sem o casamento e sem a vida religiosa.

Por essa razão, iremos inicialmente analisar os diferentes primeiros momentos da vida adulta de Maria Augusta, Maria José e Maria da Glória em tópicos para cada uma delas,

tendo como base a própria obra *As três Marias* publicada em *E-book* pela editora José Olympio, em seguida, diferenciaremos o percurso de Guta das demais Marias, de modo a notarmos através dos fatos a atribuição de pouco sucesso às mulheres que se recusavam a seguir os padrões ideais de comportamento pré-estabelecidos a elas pela sociedade em que estavam inseridas. E, por fim, iremos demonstrar através da conclusão de Maria Augusta na obra, como a mulher que quebrava os padrões da época corria o risco de concluir seu percurso.

## 2. *As três Marias*

Maria Augusta, Maria José e Maria da Glória tornaram-se grandes amigas quando passaram a estudar, ainda na pré-adolescência em um colégio interno religioso na capital Fortaleza. Toda aquela dimensão que as cercava com imagens da virgem Maria e ensinamentos para uma vida adulta próxima à pureza da carne e do espírito não foi algo que a princípio inspirou as meninas. Ao contrário, quando se viram livres da escola, não perderam a oportunidade de divulgarem satiricamente através de um jornal delas próprias, tudo o que ocorria dentro daquele colégio (QUEIROZ, 1939). Tendo isso em vista, Oliva (2014, p. 411) faz um estudo sobre essa questão que leva as meninas, futuramente a criarem as sátiras no jornal como um convite ao leitor para:

[...] uma reflexão sobre a condição feminina, de reclusão, devoção e submissão, como se fosse imprescindível à mulher manter-se de cabeça baixa, humilde e não deixar transparecer beleza nem formosura. O adjetivo ‘triste’ é utilizado abundantemente na descrição do colégio e das outras meninas que ali se encontravam. (OLIVA, 2014, p. 411)

Por essa razão, a narradora começa a questionar sobre o papel da mulher naquela sociedade, que parecia ser de acordo com Queiroz (1939) apenas uma educação para formar boas mães de família. A partir disso, Oliva (2014, p. 411) afirma que:

É a partir desse momento que o romance ganha mais intensidade no que concerne à independência feminina, pois a personagem – narradora passa a questionar o papel da mulher na sociedade brasileira da década de 30. (OLIVA, 2014, p. 411)

Percepção essa que se mostra ainda mais fortalecida na personagem Guta que nas outras duas Marias, dado o fato de que ela no decorrer da história persistiu resistente aos modos comuns da época de se ver livre na vida. Podemos notar isso quando o jornal foi perdendo a força e os caminhos das meninas foram se separando devido às suas escolhas para a vida adulta, que eram, a propósito, bem semelhantes ao que lhes foi ensinado no colégio religioso. Por esse motivo, iremos em seguida, falar um pouco sobre o que descrevia o início da vida adulta de cada uma das três amigas, mas no atentando com mais detalhes apenas ao percurso de Guta, pois foi o seu percurso o que se demonstrou desastroso devido às suas escolhas, que para a sociedade da época, eram rebeldes, conforme também notaremos mais à frente quando formos tratar um pouco mais sobre a imagem prototípica da mulher da primeira metade do século XX e qual deveria ser o seu papel.

### 2.1 Maria Augusta: a mulher fora dos padrões

A protagonista Maria Augusta não se viu logo no início de sua vida adulta envolvida pelo que desde o tempo que passou no colégio interno foi preparada para ser e para fazer quando fosse reinserida na sociedade, agora como mulher adulta. Por essa razão, é possível notar que em Queiroz (1939) a personagem buscou durante todo o seu percurso formas de se sentir livre e liberta espiritual e carnalmente sem recorrer aos ideais sociais da época, que para ela estavam mais próximos de prisões que propriamente de liberdade.

Bosi (2006) considerou as crises existenciais presentes em *As três Marias* como sendo a materialização do que já havia sido iniciado em *Caminho de pedras*, a obra escrita anteriormente pela mesma autora, o que pode ser comparado ao que Candido (2011) chamou de “Lógica do personagem”, o que seria basicamente uma relação de coesão dentro do romance. Isso se referia, é claro, à relação do personagem internamente na obra em si e por si, porém, como ele prossegue afirmando:

No romance, podemos variar relativamente a nossa interpretação da personagem; mas o escritor lhe deu, desde logo, uma linha de coerência fixada para sempre, delimitando a curva da sua existência e a natureza do seu modo de ser.” (CANDIDO, 2011, p. 58-59)

Dessa forma, podemos notar que Rachel de Queiroz não apenas pode ter criado um elo coesivo entre *Caminho de pedras* e *As três Marias*, como busca criar a partir dessa ligação uma personagem cujas escolhas se assemelhem as dela “autora” em sua vida real, pois de acordo com Costa (2018, p. 40) “As semelhanças entre a escritora e a narradora são visíveis: O fato de serem cearenses, de terem estudado em um colégio religioso e de haverem se afastado da vida sagrada.”, semelhanças essas que fortalecem a teoria de Candido (2011, p. 59) de que:

Graças aos recursos de caracterização (isto é, os elementos que o romancista utiliza para descrever e definir a personagem, de maneira a que ela possa dar a impressão de vida, configurando-se ante o leitor), graças a tais recursos, o romancista é capaz de dar a impressão de um ser ilimitado, contraditório, infinito na sua riqueza; mas nós apreendemos, sobrevoamos essa riqueza, temos a personagem como um todo coeso ante a nossa imaginação. (CANDIDO, 2011, p. 59)

O que se configura como a possibilidade de o autor basear um personagem aparentemente apenas imaginativo em uma imagem real, o que dá um ar ao personagem de um ser realmente existente no mundo e, na maioria das vezes, semelhante ao seu criador.

Portanto, não é, possivelmente, de todo errôneo afirmar que Maria Augusta pode ser em parte uma representação fictícia da própria Rachel de Queiroz, apesar de a própria autora, não admitir em momento algum de sua vida que Guta foi realmente criada inspirada nela. Mas, Candido (2011, p. 68) afirma ainda que:

O vínculo entre o autor e a sua personagem estabelece um limite à possibilidade de criar, à imaginação de cada romancista, que não é absoluta, nem absolutamente livre, mas depende dos limites do criador. (CANDIDO, 2011, p. 68)

Das três Marias, Guta é a que mais se assemelha à autora. Notaremos em seguida, que além de as outras duas Marias pouco lembrarem a Raquel de Queiroz, elas fizeram escolhas em suas vidas adultas que se aproximaram ou até se tornaram o ideal predominante nos anos 30.

## 2.2 Maria José: a religiosa

Em Queiroz (1939) Maria José é a amiga da protagonista que a acolhe em sua casa na capital quando ela (Guta) vai para Fortaleza em busca de realizar seus sonhos. Embora Maria José tenha sido uma das colaboradoras do Jornal *Santa Gaiola*, ela tornou-se em sua vida adulta uma mulher religiosa, que procurou se afastar dos desejos e “pecados” carnis, tornou-se professora e passou sua vida morando com sua família.

Esta escolha de vida era típica para mulheres já desde séculos atrás, por esta razão talvez, Maria José não ter sido representada na obra como uma mulher que desobedeceu aos ensinamentos do seu antigo colégios, pois apesar de ela não ter exercido o papel de dona de casa, sua escolha pela “pureza” carnal e espiritual ainda era bem vista por aquela sociedade.

Através desses aspectos podemos notar que a autora busca incorporar à sua obra uma personagem que demonstre uma concepção pré-concebida em sua prática de vida e na sua composição espiritual principalmente, no caso de Maria José a vida religiosa próxima à santidade. Candido (2011, p. 73) teoriza que “as personagens obedecem a uma certa concepção de homem, a um intuito simbólico, a um impulso indefinível”, que no caso da personagem religiosa tem esses três aspectos materializados em sua escolha de se desapegar de todo o pecado evitável. Candido (2011, p. 70) afirmou que “há personagens que exprimem modos de ser” e que dessa forma, eles podem carregar em sua essência aquilo que é existente no mundo real, pois de acordo ainda com o próprio autor:

[...] esta invenção mantém vínculos necessários com uma realidade matriz, seja a realidade individual do romancista, seja a do mundo que o cerca; e que a realidade básica pode aparecer mais ou menos elaborada, transformada, modificada, segundo a concepção do escritor, a sua tendência estética, as suas possibilidades criadoras. (CANDIDO, 2011, p. 69)

Materializando assim aspectos que normalmente são existentes na vida real do autor em alguns de seus personagens. Esses aspectos repousam em outros personagens da obra, como, por exemplo, em Maria da Glória, que em sua vida adulta acabou se entregando à vida de esposa e mãe, como foi lhe ensinado a ser.

### 2.3 Maria da Glória: a ideal dona de casa

Maria da Glória foi das três Marias a que aderiu de fato ao papel que era dado à mulher da época, no caso a de uma dia se tornar esposa, mãe e dona de casa. Ela não mostrou aspectos de fato negativos em seu percurso na obra, assim como Maria José. Na verdade, pelo fato de ela ter permanecido ligada às suas duas amigas, ela tornou-se parte fundamental na aproximação entre Maria Augusta e os dois amigos da família de Maria da Glória e de sua família: “Aluísio” e “Raul”, aproximação que causará mais à frente problemas na vida de Guta.

Há um nivelamento crescente e perceptível na aproximação de cada uma das três Marias ao que era esperado para a mulher da primeira metade do século XX, dentro desse nivelamento, podemos classificar Maria da Glória como sendo a que a partir do início de sua vida adulta obedeceu a esse ideal. Através disso, podemos notar o detalhamento da autora ao criar três personagens que se tornaram relativamente tão diferentes umas das outras para descrever “a possibilidade de fracasso, devido à rebeldia de uma”; “o que ainda era aceito por representar um antigo ideal religioso por outra” e, representando Maria da Glória “o que era definitivamente o ideal e o papel da mulher para aquela metade do século”.

É possível concordar a partir disso com o ponto de vista de Candido (2011) sobre o fato de o personagem ser totalmente fictício, já que é paradoxal pensar que por mais que ele não seja componente da realidade, ainda assim pode expressar uma verdade presente na realidade e não apenas na ficção, pois tendo como base a escolha de vida de muitas mulheres que não tinham muitas opções de libertação e de conquista da felicidade, acabaram por optar pela alternativa mais simples que foi a mesma que se seguiu na vida de Maria da Glória, que foi tornar-se esposa e mãe de família.

Mas havia também aquelas que assim como Guta, buscavam de outras formas sua felicidade, formas diferentes das de Maria José e de Maria da Glória, porém, naquela época as oportunidades de libertação profissional e pessoal para as mulheres eram praticamente escassas, razão pela qual era mínimo o número daquelas que conseguiam de fato atingir suas metas de vida sem necessitarem do casamento ou da vida religiosa. Essa marca de “fracasso” será representada durante todo o progresso de Maria Augusta na obra, como iremos notar na sua sequência de desventuras.

### 3. Desventuras no percurso da vida adulta de Maria Augusta

Guta ansiava desde o início de sua história e de sua vida adulta por independência social e, algum tempo depois na história após notar que não gostaria de passar o resto de sua vida solitária, por realização amorosa. Logo após conseguir um emprego como datilógrafa em Fortaleza e ir morar com Maria José e sua família na capital, a protagonista conhece Raul e Aluísio, dois amigos de Maria da Glória e de sua família.

Maria Augusta desenvolve uma aparentemente bela e saudável amizade com Aluísio, mas se envolve amorosamente com Raul. Tudo parecia estar funcionando como Maria Augusta idealizou para ela, até que ela descobre que ele era na verdade um homem casado. Mesmo assim, o personagem desejava que Guta fosse sua amante, ela, no entanto, o recusou. (QUEIROZ, 1939).

Raul foi a primeira grande decepção amorosa de Guta, o que a deixou desolada, mas não o suficiente para sentir fragilidade em seus sonhos de liberdade e de realização amorosa. Queiroz (1939) segue narrando ainda que ela ainda tinha uma bela amizade com Aluísio, o que aparentemente estava muito bem, até que o amigo se apaixona por Guta, porém, não tem coragem de revelar seus sentimentos para ela. Transbordando de sentimentos que não consegue controlar e nem expressando-os à protagonista, acaba desenvolvendo uma depressão que o leva ao suicídio.

Além de Guta perder o amigo, ela ainda foi vítima das crenças maldosas das pessoas ao seu redor que a acusaram de ser culpada pelo suicídio de Aluísio. Por causa de toda essa cadeia de acontecimentos negativos, Maria Augusta decide tirar férias para tentar se recuperar deles. Quando decide passar um tempo no Rio de Janeiro, conhece um estrangeiro chamado Isaac, que além de ter sido seu guia na cidade, foi o segundo homem com quem se envolveu emocionalmente e o primeiro com quem teve relações sexuais.

E mais uma vez a protagonista decepcionou-se amorosamente, pois além de sentir que estava servindo de objeto para a satisfação de Isaac, ela não se sentia realmente pronta para aquela vida de liberdade sexual. Dessa relação houve a geração de um filho que não foi assumido por Isaac, na verdade, além de o estrangeiro não ter se casado com Maria Augusta, ela ainda sofreu um aborto espontâneo. Abreu (2016) acrescentou ainda que a protagonista também não estava pronta para lidar bem nem com a gravidez fora do casamento e nem com a perda do filho ainda feto. Guta teve de retornar à Fortaleza devido ao trabalho, mas quando

estava de volta não tinha mais forças para prosseguir, então voltou para a casa de sua família no campo.

#### 4. Representações de Maria Augusta

Os fatores sociais da época que pouco favoreciam inúmeras oportunidades para as mulheres encontrarem sua independência acabaram por se mostrar na obra muito mais nos aspectos interiores de Guta que propriamente nos fatores sociais representados na obra exteriores a ela, ou seja, Guta encontrou em diversos momentos a aproximação de sua realização de independência, no entanto, ela passou a sentir que lhe faltava algo, sua conclusão era que não gostava de viver sozinha, o que a motivou a buscar no amor a felicidade que sua independência financeira não estava lhe completando. Tendo isso em vista, de acordo com Costa (2018, p. 45):

A necessidade do outro para ser feliz é constante na vida de Guta, não logra ser feliz sozinha. Podemos pensar, neste caso, na falta de experiência sexual da personagem e na expectativa vivida por ela como um dos motivos que lhe proporcionaram estas emoções desencontradas: A do prazer e a da solidão. (COSTA, 2018, p. 45)

Embora este trecho esteja se referindo basicamente às reações causadas por Isaac nela, é possível ligar o elemento “prazer” ao que Maria José recusou ao escolher para si um estilo de vida distanciado do pecado da carne e o fator “solidão” como sendo aquele que se afastou da realidade de Maria da Glória quando ela se casou e teve um filho dentro desse casamento. Maria Augusta acabou encontrando a infelicidade ao aceitar essas emoções descontroladas em sua vida, provenientes de sua busca por uma realidade diferente daquela limitada pela sociedade para com as mulheres.

O que infelizmente nos faz pensar se por acaso a representação de Maria Augusta como sendo das três amigas a que acabou de fato infeliz, se por acaso não seria a representação das mulheres da época que desejaram para suas vidas adultas o mesmo que ela, e que assim como ela podem não ter obtido sucesso pela resistência da sociedade em permitir que as mulheres tivessem sua liberdade financeira e que não fossem obrigadas a se

casarem por motivos sociais e sim porque realmente desejavam seus parceiros profundamente.

Oliveira; Freire e Chaves (2012) falam um pouco sobre a condição da mulher na época em que a obra foi publicada. Podemos notar através das suas seguintes palavras a imagem que se tinha da mulher na época dentro da sociedade patriarcal, justificando assim porque as mulheres da primeira metade do século XX não recebiam tantas oportunidades de crescimento social:

A mulher no Brasil era formada pela ordem patriarcal e submetida ao pai e ao marido, que a silenciavam em sua própria sociedade. Com esta submissão, a mulher era reduzida à condição de um ser frágil e de 'pouca inteligência', destinando-se a ela apenas a função de 'dona de casa', de modo que todo conhecimento que adquiria era fruto de suas próprias experiências de vida, limitando-se, portanto, ao universo doméstico. (OLIVEIRA; FREIRE; CHAVES, 2012, p. 205)

A valoração inferior que as mulheres recebiam na época fazia com que pouquíssimas mulheres conseguissem realmente atingir o sucesso pessoal e social sem se adequar aos moldes pré-estabelecidos para elas pela sociedade, nos fazendo compreender o porquê de Raquel de Queiroz ter representado uma personagem tão forte e à frente de seu tempo como tendo tido um final tão melancólico para uma protagonista que apenas desejava independência de maneira inovadora.

## 5. Considerações Finais

Podemos concluir a partir das análises feitas que a representação do que era esperado ocorrer às mulheres da primeira metade do século XX que não atendessem aos ideais prototípicos daquela sociedade, na trajetória da vida adulta de Maria Augusta mostrou que devido às poucas oportunidades de crescimento pessoal, financeiro e social destinado a elas era praticamente inexistente, pois o que era comum na época era a ideia de que a mulher era inferior ao homem em todos os sentidos e que, por isso, elas não deveriam se igualar a eles em oportunidades em tais setores da sociedade.

Além do mais, ainda tomando como exemplo Guta, pudemos também notar que no momento em que ela sentiu necessidade de encontrar um parceiro amoroso e já não mais

sentia a mesma necessidade de independência financeira, ela já estava provavelmente se apegando ao que lhe foi ensinado no internato e até mesmo em casa pela sua família, porém, de maneira diferente, a partir do momento que ela não deseja um parceiro que a sustente, mas um companheiro que ela ame profundamente.

Essa análise feita no presente trabalho abre espaço para maiores aprofundamentos, como por exemplo, em fazermos um comparativo mais aprofundado entre as três Marias e não apenas mantendo o foco apenas em Maria Augusta, pois as três personagens unidas podem mostrar todos os lados da realidade feminina da época, seja no que se referir àquelas que obedeciam as normas, seja àquelas que como Guta, buscaram formas diversas de se desprenderem daquilo que a sociedade da primeira metade do século XX limitou para elas.

### Referências

- ABREU, Laile Ribeiro de. A representação da mulher independente na obra de Rachel de Queiroz. **Revista Araticum**. Minas Gerais, v. 14, n.2, 2016. pp. 47-61.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2006. 48 ed.
- CANDIDO, Antonio.; ROSENVELD, Anatol.; PRADO, Décio de Almeida.; GOMES, Paulo Emílio Salles. **A personagem da ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2011. 12 ed.
- COSTA, Gustavo. Os traços existenciais da personagem Guta na obra *As três Marias* de Rachel de Queiroz. **Revista Athena**. v. 14, n. 1, 2018. pp. 39-48.
- OLIVA, Osmar Pereira. Rachel de Queiroz e o romance de 30: Ressonâncias do socialismo e do feminismo. **Cadernos Pagu**. n. 43, jul.-dez. 2014. pp. 385-415.
- OLIVEIRA, Maria Eveuma de.; FREIRE, Manoel.; CHAVES, Sérgio Wellington Freire. **Rachel de Queiroz: Uma mulher à frente de seu tempo**. A produção de autoria feminina. v. 2. In Alagoinhas: Pontos de Interrogação. n. 1, jan. – jun., 2012. pp. 204-212.
- QUEIROZ, Rachel de. **As três Marias**. São Paulo: José Olympio, 2005.
- SOUZA, Mariana Elena Pinheiro dos Santos de. **A ótica memorialista no romance *As três Marias* (1939), de Rachel de Queiroz**. Anais VII CIPA. Cuiabá, jul. 2016.

Recebido em 03/10/2019.

Aceito em 05/02/2020.